

Anuario de Historia de la Iglesia
Universidad de Navarra
ahig@unav.es
ISSN (Versión impresa): 1133-0104
ESPAÑA

2003

Pio G. Alves de Sousa

AVELINO DE JESUS DA COSTA (1908-2000), IN MEMORIAM

Anuario de Historia de la Iglesia, año/vol. XII

Universidad de Navarra

Pamplona, España

pp. 445-447

Avelino de Jesus da Costa (1908-2000),
*in memoriam**

A 17 de Outubro do ano 2000, faleceu na Casa Sacerdotal, em Braga (Portugal) o Professor Avelino de Jesus da Costa, nascido em Janeiro de 1908 na pequena aldeia de Vila Chã (Ponte da Barca), no norte de Portugal.

Criado no seio de uma família cristã, despertou aí a sua vocação sacerdotal. Ingressou nos Seminários da Arquidiocese de Braga em 1920. Foi ordenado presbítero em 1933, tendo antes frequentado a Faculdade de Filosofia da Universidade Gregoriana, em Roma. Por motivo de doença, que o obrigou, desde então, a ter especiais cuidados com a saúde, regressou a Portugal com o grau de bacharel. Depois de leccionar durante dez anos no Seminário Menor de Braga, frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Ciências Históricas e Filosóficas, em 1951, com a tese «Calendários Portugueses Medievais». No ano seguinte foi contratado para segundo assistente da Faculdade de Letras. Prestou provas de doutoramento em 16 de Dezembro de 1960, tendo apresentado a tese «O bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga». Ascendeu a catedrático em 1971. Em Outubro de 1972 foi nomeado cónego da Sé de Braga.

Estes breves traços biográficos servem só para enquadrar a apresentação de um homem, um historiador, um sacerdote, orgulho de quantos tivemos a oportunidade de gozar da sua amizade e da sua ciência.

Era alérgico a homenagens: não se considerava merecedor de honrarias, nem tinha tempo para elas. Em 1993, por ocasião do seu 86º aniversário, aceitou, felizmente, a que promoveu a Faculdade de Teologia-Braga, da Universidade Católica Portuguesa. Associaram-se a este gesto público de gratidão e reconhecimento a Arquidiocese de Braga e o Cabido Primacial Bracarense, a que pertencia, o Santuário de Fátima, a Academia Portuguesa da História e representantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O fascículo 2 do volume 28 (1993) da revista *Theologica*, que lhe é dedicado, historia este acto. O leitor poderá encontrar aí uma informação panorâmica da sua biografia (cfr. José Marques, *Prof. Doutor Avelino de Jesus da Costa. Sinopse bio-bibliográfica*, 285-304), bem como o elenco do impressionante número de trabalhos produzidos até essa data (cfr. Arminda Clara Poças, *Bibliografia de Avelino de Jesus da Costa*, 305-338). A autora da recolha contabiliza 70 monografias e analíticas de monografias, incluindo obras em co-autoria, 277 artigos em publicações periódicas e 213 artigos em dicionários e enciclopédias. Não obstante a sua idade e as limitadas condições de saúde, não deixou de trabalhar intensamente até uns quinze dias antes da sua morte.

Nos últimos anos, quando lhe pedíamos alguma nova colaboração ou lhe sugeríamos algum tema que, com a sua autoridade, interessava tratar, furtava-se, serenamente, com

* Publicamos con dolor la necrológica de nuestro gran amigo Prof. Avelino de Jesus da Costa, que fue miembro del Consejo Asesor de AHig desde la fundación de la revista, en 1992, hasta 1999, cuando, al cumplir noventa y un años, solicitó ser relevado.

a explicação de que já não teria tempo para terminar todos os compromissos assumidos. Mas havia um que trazia entre mãos, há muitos anos, e de que nunca desistiu: a revisão e ampliação da sua tese de doutoramento, publicada, em dois grossos volumes, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos (Coimbra 1959).

O Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, na homilia da sua missa exequial, na Sé de Braga, referiu-se a este capítulo da sua vida com estas palavras: «Atrevo-me ainda a recordar os últimos momentos deste pequeno grande homem, como nova interpelação. Tendo recolhido novos elementos —durante 41 anos de reflexão— quis aos oitenta “começar” de novo para dar um rosto diferente e jovem ao que tinha escrupulosamente elaborado. Foram, ainda, cerca de treze anos de humildade reconhecendo que não tinha dito tudo e que poderia ser útil com uma nova síntese. Impressionava vê-lo trabalhar. As forças físicas não acompanhavam. A vontade indómita vencida e venceu. A obra renovada surgiu e a sociedade eclesiástica e civil pode beneficiar das coisas grandes e pequenas colocadas no “mealheiro” dalgumas notas e passado para o papel numa simples e pequena máquina de escrever. Não aceitou o cansaço nem se resignou às limitações físicas. Venceu». (*Cónego Avelino de Jesus da Costa: Presença ímpar na Cultura Portuguesa*, in *Acção Católica* 85, 2000, 1108). Efectivamente, uns quinze dias antes da sua morte, pôde ter nas suas mãos, literalmente vergadas ao peso de tantos anos de trabalho, um exemplar da 2ª edição refundida e ampliada (edição da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, Braga 1997 e 2000).

Não obstante a reconhecida qualidade científica do amplo trabalho realizado na tese de doutoramento, publicado na 1ª edição, o Autor, exigente consigo mesmo, pretendeu legar uma obra ainda mais valiosa. Segundo palavras suas, no prefácio da 2ª edição, «quando resolvemos publicar esta edição, por a primeira estar esgotada e ser muito pedida, propusemo-nos alcançar duas finalidades: 1. Em primeiro lugar, esclarecer os pontos obscuros, preencher as lacunas e corrigir erros, que passaram na primeira. 2. Em segundo lugar, incluir nesta edição os dados históricos e religiosos, cuja falta tínhamos sentido ao redigir a anterior, e enriquecê-la com os elementos de interesse fornecidos pela bibliografia especializada, pela actual orientação dos estudos históricos, por novos documentos ou diferente interpretação dos já utilizados e, sobretudo, pelos importantes achados das escavações arqueológicas» (p. VII).

O extenso e cuidado enriquecimento deste seu trabalho é, certamente, uma valiosa contribuição às ciências históricas. Mas, mais do que isso, põe de manifesto a grandeza de um homem, humilde e trabalhador, que não desistia das suas fundamentadas convicções, mas que se abria ao enriquecimento que os outros lhe podiam proporcionar.

O homem de ciência que foi o Professor Avelino de Jesus da Costa conviveu harmoniosamente com o sacerdote simples e exemplar. A sua vida de oração, especialmente a sua piedade mariana, faziam dele uma figura próxima e simpática. Neste contexto, não pode deixar de referir-se a sua dedicação —em tempo, em generosos meios materiais, em dedicação— ao *seu* Santuário de Nossa Senhora da Paz: um complexo religioso, construído na sua terra natal, que assenta em aparições de Nossa Senhora, que teriam acontecido em 1917. Sem se afastar da mais delicada obediência às directrizes da hierarquia católica nesta maté-

ria, não conseguia, contudo, aplicar à análise deste fenómeno o rigor científico dos seus trabalhos históricos.

A sua exígua figura física dissimulava uma alma grande e um notável historiador, cujos méritos ultrapassaram, justificadamente, as fronteiras do País que o viu nascer.

Pio G. ALVES DE SOUSA
Faculdade de Teologia
R. Santa Margarida
4710-306 Braga (Portugal)
pio.sousa@netc.pt

Mercedes Bergadá (1921-2001),
in memoriam

En la víspera de la Navidad de 2001 la filosofía medieval argentina perdió a Mercedes («Mecha») Bergadá, una de sus más entusiastas promotoras. Mecha era dueña de una esmerada cultura y, sobre todo, de un estilo marcadamente temperamental que no cedía en sus propósitos hasta lograr su realización. Quienes estuvimos próximos a ella y seguimos de cerca su trayectoria conocimos su empeño y su temperamento fuerte y tenaz, gracias a los cuales se concretaron innumerables iniciativas académicas que hicieron posible que los estudios de filosofía medieval en Argentina encontraran un espacio institucional y se afianzaran con continuidad en el tiempo, a pesar de las turbulencias que siempre amenazaron la vida universitaria argentina.

Es difícil caracterizar la multifacética y rica personalidad de Mecha, una dama «quasi-chestertoniana», como la llamaron algunos, que al mismo tiempo que mostraba un fino rigor aristocrático y una peculiar *nobilitas* orientados a preservar y a defender sin concesiones las cosas más importantes de la vida, conjugaba ese rigor con una sorprendente simplicidad, por llamar de alguna manera a su modo extremadamente elemental de llevar su vida personal. Pues así como gozaba dedicando su tiempo a dilatadas reuniones con amigos y a disfrutar los placeres de la gastronomía, también sabía retirarse a la silenciosa tarea del estudio, al que dedicaba extensísimos períodos de lectura y de análisis, en especial de los textos de la tradición patristica, a la que se dedicó con pasión durante toda su vida.

Mecha nació en el seno de una antigua familia argentina. Desde su juventud supo corresponder a una definida y fuerte tendencia que la condujo al estudio de la tradición cristiana. Comenzó a satisfacer ese interés acercándose primero a los problemas teóricos del cristianismo presentados, sobre todo, por la teología. Ello la llevó a realizar sus primeros estudios, de modo informal, en los centros de formación de la Compañía de Jesús de Buenos Aires. Luego, en una época en la que no era frecuente la presencia femenina en la Facultad de Filosofía de la Universidad de Buenos Aires, decidió dedicarse por entero, es decir, profesionalmente, a los estudios de filosofía. En esta Universidad realizó una carrera académica